

O tempo da maré: as metáforas conceptuais do tempo em unidades terminológicas da pesca

RESUMO

O trabalho é uma amostra diminuta de um dos resultados encontrados na tese de Moreira (2015) acerca das metáforas conceptuais nas unidades terminológicas da pesca em Baiacu/Vera Cruz/Bahia. Procura-se demonstrar como o tempo é conceptualizado pelos pescadores artesanais e se os elementos pertencentes a ele são estruturados da forma como o é concebido. A estrutura desse conceito e a significatividade no âmbito da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC). A metodologia é de direção boot up, por não se acreditar apenas na direção top down, isto é, não se deve fechar ou pegar as expressões e verificar os mapeamentos ou, ao contrário, limitar-se a uma posição linear, por essa ter sido a crítica à teoria inicial. Antes, o que se apresenta deve ser visto como ideias que devem ser modeladas e remodeladas porque, atualmente, há evidência empírica para os estudos da cognição e da linguagem. A título de conclusão direta, por exemplo, constata-se um número elevado dessa estrutura de metáforas na linguagem náutica cujos domínios de origem são, sobretudo, o do mar, o humano e o animal. Isto quer dizer que, enquanto construção de um significado cujo valor é de estrutura conceptual, a metáfora não preconiza a monossímia do termo científico e técnico.

PALAVRAS-CHAVE: Metáfora conceptual. Tempo. Experiência corpórea.

Cristiane Fernandes Moreira
svencris@gmail.com
Universidade Federal da Bahia, Salvador,
Brasil.

1 O TEMPO NA LINHA DOS ESTUDOS COGNITIVOS E DA TEORIA DA METÁFORA CONCEPTUAL

O que é literal no raciocínio sobre o conceito de tempo é mínimo e conceitualmente inexpressável. Toda a riqueza vem da metáfora. Por exemplo, têm-se duas metáforas incompatíveis entre si para o tempo, as quais são representadas como movimento através do espaço: em uma, o tempo é um fluxo percebido como indo em direção ao sujeito (Ex.: As férias estão a chegar), e em outra, o sujeito percorre uma dimensão espacial, movendo-se para frente (Ex.: Estamos a chegar às férias).

Considerando os exemplos citados, à luz da Linguística Cognitiva, as metáforas fazem parte das principais discussões em que a mente é corporificada. O pensamento exige um corpo, não no sentido trivial de que se precisa de um cérebro físico para pensar, mas no sentido de a própria estrutura dos pensamentos vir da natureza do corpo. Quase todas as metáforas inconscientes são baseadas em experiências. A maior parte dos temas centrais da Semântica Cognitiva assenta nestes resultados.

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) interpretam as metáforas conceptuais em termos de compreensão e pensamento. Significa dizer que o sistema conceptual é essencialmente metafórico, como por exemplo, “TEMPO É DINHEIRO”, que se revela como “o tempo é mercadoria”, “o tempo pode ser quantificado, objetivizado, pode perder ou ganhar, gerar ou economizar” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 50-51).

Aplicando isso aos estudos de Fillmore, com a semântica de frames, sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entendê-lo, é necessário apreender a estrutura toda na qual ele se encaixa, ao se pensar em uma pescaria, vários elementos de uma situação como essa são automaticamente ativados, como tempo, maré, pescadores, embarcação, redes, peixes, comprador, entre outros. Todos esses elementos fazem parte de um conceito maior que engloba todos esses participantes, que é o frame: atividade pesqueira. Pode-se dizer, assim, que os domínios semânticos envolvem diversos elementos participantes, envolvem MCIs.

A própria noção de MCIs é definida por Lakoff (1999, 2002) como organização de conhecimento de que dependem as estruturas das categorias e os efeitos de prototipicidade, metáforas e metonímias generalizadas (convencionalizadas) e, em particular, as metáforas conceptuais, os esquemas imagéticos e suas transformações.

Poggio (2010), em um Simpósio sobre Gramaticalização, semântica da enunciação e semântica cognitiva, no 58º Seminário do Grupo de Estudos Linguísticos de São Paulo (GEL), explica que o uso linguístico é fundamental nos processos mentais e em situação de adaptação para indicar espaço, tempo e localização como ideias mais abstratas. Nesse caso, a estrutura da linguagem é o resultado do ato de se comunicar cognitivamente e a

[...] metáfora, vista como processo constitutivo da linguagem, encontra-se quando nos referimos a uma categoria “mais abstrata” em termos duma categoria ‘menos abstrata’ ou concreta, na seguinte escala de abstratização crescente: PESSOA> OBJETO>

ATIVIDADE> ESPAÇO> TEMPO> QUALIDADE (HEINE; CLAUDI; HÜNEMEYER apud CUNHA; NOGUEIRA, 2008, p. 77).

Essa citação pode ser explicada através dos estudos de Svorou (1993), a partir de fontes lexicais específicas, a exemplo de Nome (N) e Verbo (V), que dão origem a formas gramaticais espaciais que retêm propriedades de suas fontes (exemplo: atrás de). De acordo com a autora, os eventos linguísticos são ancorados em três dimensões: lugar dos eventos (where), participantes (Who) e tempo em que ocorrem (when). Nessa perspectiva, as expressões espaciais têm diferentes graus de explicitação: mais baixo grau de especificação (exemplo: aqui = bastante específico); menos específico (exemplo: na parte da porta); quantidade de detalhes. Dessa forma, o grau de explicitação depende da intenção e da necessidade do falante. O detalhe de uma relação espacial é motivado pelo número de regiões espaciais relevantes em uma determinada situação. E o modo como se localiza um objeto em relação a outro envolve uma relação assimétrica entre o objeto que se quer localizar e o objeto com referência ao qual é localizado:

Quadro 1- Localização de objetos

Exemplo de objeto a ser localizado	Exemplo: de objeto referencial
Figura	fundo
Trajector	landmark
Locans	locatum
Relans	relatum

Os landmarks são estáticos e normalmente maiores, os trajectors são localizados em relação aos landmarks. Svorou (1993) também chama a atenção para o fato de que uma noção proximamente associada com o movimento é o tempo. Tempo e movimento são inseparáveis. A ordem espacial de entidades em movimento implica também uma ordem temporal. Em acréscimo a essa ideia, a autora informa que um domínio cognitivo, como o espaço, manifesta-se em diversos domínios semânticos, tais como, posição, direção e processo, entre outros, cada um dos quais é exemplificado por outros subdomínios. Quer com isso expor que um domínio semântico tem uma hierarquia estrutural e existe coerência entre cada subdomínio e seus membros, como se fosse uma cadeia de efeitos, uma rede. É o que Givón (1986) denomina ‘incongruência’ ou ‘metáfora’, como sentido prototípico.

Essa ideia é representada na TMC, de Lakoff e Johnson ([1980] 2002), através de metáforas estruturadas em conceitos abstratos com modelos cognitivos projetados por domínios-fonte concretos.

Na teoria proposta por Fauconnier e Turner (2008), considera-se a metáfora embasada na noção de tempo e de espaço. Trabalha com redes de integração conceitual, compreensão, inferência, entre outros. De acordo com tais autores:

Time as space is a deep metaphor for all human beings. It is common across cultures, psychologically real, productive, and profoundly entrenched in thought and language [...] the fact that time is measurable and stable - inferences for which we do not have independent evidence - comes from the domain of space [...] metaphors [...] involve more than mappings or bindings between two spaces. They involve many spaces, and they involve emergent structure in the network [...] There is a paradox in the standard metaphor analysis of time as space in having a source domain of moving objects that includes speed, since already seems to require time. This paradox is resolved in the standard analysis by assuming that motion is uniform, so that motion is uniform, so that speed is irrelevant (FAUCONNIER; TURNER, 2008, p. 54; 55).

Os autores chamam a atenção para o fato de que a topologia para o tempo é incompatível com o domínio de objetos em movimento no espaço de muitas maneiras, por exemplo: no domínio do espaço, unidades de medida não são objetos em movimento, mas sim, na combinação entre domínios; no domínio do espaço, os observadores não estão no mesmo local e não estão olhando na mesma direção, mas, na combinação, estão; no domínio do espaço, nem todos os objetos em movimento estão no mesmo caminho, na combinação, estão. Nesse sentido, tempo e o tempo-espaço de mapeamento conceptual são emergentes na rede (FAUCONNIER; TURNER, 2008).

2. O TEMPO DA MARÉ

Na linguagem de especialidade da pesca, é possível falar do conceito Maré com referência às horas e aos dias demarcados, ou de um tempo não necessariamente preciso, em termos de movimento e recurso limitado, por exemplo. Considerando os MCIs de Maré, encontram-se modelos como: MARÉ- É EMPRESA; MARÉ É TEMPO; MARÉ É SER ANIMADO; MARÉ É OBJETO; MARÉ É ASTRO/LUA; MARÉ É CAMINHO; MARÉ É DÁDIVA DIVINA, SAGRADA.

Por respeitar o limite de palavras para o presente artigo, apresentar-se-á apenas a descrição da metáfora conceptual MARÉ É TEMPO.

MARÉ É TEMPO

Termo: Tempo

Significado básico: “Do lat. TEMPUS, -ORIS” (COROMINAS; PASCUAL, 1981); ‘Período contínuo e indefinido no qual os eventos se sucedem e criam no homem a noção de presente, passado e futuro’ (HOUAISS, 2004).

Significado no contexto: ‘Objeto capaz de conter algo’; ‘movimento’; ‘recurso limitado’; ‘percurso’; ‘configuração do presente’; ‘entidade animada’.

Quadro 2: MARÉ É TEMPO

EXPRESSÕES METAFÓRICAS E METONÍMICAS
1- <i>Tem uma ora pra pesca que depende da maré, pela posição da maré. O horário mais certo é de madrugada, é a ora do marismo mermo, não se sente cansativo</i> (INF. 08, A.G.N., 25 anos).
2- <i>A maré tem seu dia, segunda-fera é feriado pras água, é dia de ressaca.</i> (INF. 23, J.M., 30 anos).
3- <i>Num tem horário marcado, quando tem que ir, vai, nois faz um cálculo mas, às vez, o mosu atraza. Ola pra maré e nois vamo. Esse é o orgulho de sé pescadô, o de sé livre.</i> (INF. 26, R. S. 70 anos).
4- <i>Tudo na pesca depende da maré, que é o nosso o horário. De acordo com a maré, ahenti trabała no tempo, que pode sé de maré chea, baixa, de vazante na tardera, cederá. Porque maré é tempo de se pescá, a dependé dela se pesca de mãã, de tardi e de noti</i> (INF. 21, A.G., 59 anos).
5- <i>Porque maré é tempo de se pescá, dependé dela se pesca de mãã, de tardi e de noti</i> (INF. 21, A.G., 59 anos).
6- <i>A maré de janero, feeverero e marso é alta, grande, toma todo apicum [...]</i> (INF.06, J. S. P., 86 anos).
7- <i>Se perdé a maré, nós não vai pescá, com o atraso não dá pra chegá lá</i> (INF. 06, J.S.P., 86 anos).
8- <i>[...] Tem ora que a maré só dá certo tendo a maré nova pra saí cedo, não perdé [...]</i> (INF. 06, J.S.P., 86 anos).
9- <i>Toda maré é boa e depende de Deus pra a maré quebrá, diminuí a maré, vai pra trás, e pra cabesa d'água, o dia que a maré mais enche, que alaga a maré.</i> (INF. 05, J.A., 49 anos).

Do lat. TEMPUS, -ORIS (COROMINAS; PASCUAL, 1981). Tempo, para Houaiss (2004), significa 'período contínuo e indefinido no qual os eventos se sucedem e criam no homem a noção de presente, passado e futuro'. No contexto em apreço, tempo passa a ser experienciado a partir do conceito Maré, quer dizer, tem-se a metáfora MARÉ É TEMPO, em que se assume o sentido metafórico de 'objeto capaz de conter algo'; 'movimento'; 'percurso'; 'espaço delimitado'; 'configuração do presente'; 'entidade animada', 'recurso limitado'. A Maré como referência às horas, aos dias e ao tempo, como objeto em movimento e recurso limitado, como uma entidade definida, tal como se exemplifica no Quadro 2, por:

a) movimento e sequência cronológica, (Quadro 2, exemplos 4, 5)

(4) Tudo na pesca depende da maré, **que é o nosso o horário**. De acordo com a maré, ahenti trabała no tempo, que pode sé de maré chea, baixa, de **vazante na tardera, cederá**. Porque **maré é tempo de se pescá, a dependé dela se pesca de mãã, de tardi e de noti** (INF. 21, A.G., 59 anos).

(5) Porque **maré é tempo de se pescá, dependé dela se pesca de mãã, de tardi e de noti** (INF. 21, A.G., 59 anos).

b) espaço ou momento para a pesca (v. exemplos do Quadro 2: 1, 3, 7, 8)

(1) Tem uma **ora pra pesca que depende da maré, pela posição da maré. O horário mais certo é de madrugada**, é a ora do marismo mermo, não se sente cansativo (INF. 08, A.G.N., 25 anos).

(3) **Num tem horário marcado**, quando tem que ir, vai, nois faz um cálculo mas, às vez, o mosu atraza. **Ola pra maré e nois vamo**. Esse é o orgulho de sé pescadô, o de sé livre. (INF. 26, R. S. 70 anos).

(7) **Se perdé a maré, nós não vai pescá, com o atraso não dá pra chegá lá** (INF. 06, J.S.P., 86 anos).

(8) [...] **Tem ora que a maré só dá certo tendo a maré nova pra saí cedo**, não perdé [...] (INF. 06, J.S.P., 86 anos).

c) orientação de espaço e tempo (v. Quadro 2, exemplo 9)

9- Toda maré é boa e depende de Deus pra a maré quebrá, diminuí a maré, vai pra trás, e **pra cabeça d'água, o dia que a maré mais enche**, que alaga a maré. (INF. 05, J.A., 49 anos).

d) independência da maré em relação ao tempo da pesca (v. Quadro 2, exemplo 7)

(7) **Se perdé a maré, nós não vai pescá, com o atraso não dá pra chegá lá** (INF. 06, J.S.P., 86 anos)

e) regência pelo calendário (v. Quadro 2, exemplo 2).

(2) **A maré tem seu dia, segunda-fera é feriado pras água**, é dia de ressaca. (INF. 23, J.M., 30 anos).

Na linguagem de especialidade da pesca, o tempo ainda é representado metaforicamente como se fosse: a) imóvel e os que se movem no tempo são os pescadores, b) o tempo não como no futuro, mas como configuração do presente, e de espaço. De acordo com o que se demonstra em a) e b), podem-se encontrar exemplos que implicam a metáfora TEMPO É OBJETO QUE SE GASTA (exemplos [...] de acordo o tempo que você vai levá no servisu [...] (INF. 03, J.A.G., 59 anos); [...] mas agora, o tempo acabó [...] (INF. 05, J.A., 49 anos) .

A Maré implica, também, metáforas como TEMPO É OBJETO FINITO; MARÉ É SER COM HÁBITOS (exemplo 2 do Quadro 2); MARÉ É RELÓGIO. Há também situações em que a maré implica, metonimicamente, água (v. exemplo 2 do

Quadro 2). (2) A maré tem seu dia, segunda-fera é feriado pras água, é dia de ressaca. (INF. 23, J.M., 30 anos).

Há autores que argumentam ser a temporalidade fundamentalmente interna e, portanto, fenomenológica de origem. É difícil verbalizar sobre o Tempo nos próprios termos de tempo, mas sim, em termos de: movimento, através de um espaço; de localização em determinado espaço; de espaço tridimensional, como evidenciado por frases como “O prazo da entrega da tese está se aproximando”. Isto é, o sistema de medição também pode ser elaborado em termos de conteúdo de movimento, embora se saiba que há insuficiência em conceituar uma informação intersubjetiva e o formato conceitual, ligando diretamente o espaço visual e a experiência externa sensorial.

Em nota, Dias Neto (2012) assinala as representações sobre o tempo com um consolidado interesse por renomados antropólogos, sendo que o tempo é percebido e operacionalizado por diferentes grupos humanos, e destaca, na Antropologia britânica, os nomes de E. E. Evans-Pritchard, em seu clássico estudo sobre o povo africano Nuer, e de Edmund R. Leach, nos ensaios sobre a representação simbólica do tempo, como exemplos significativos: Evans-Pritchard, em uma das mais notáveis etnografias produzidas ainda na primeira metade do século XX, propõe que os conceitos de tempo entre os Nuer – povo africano que habita as margens do Rio Nilo na região do Sudão – são divididos em dois grupos, sendo estes, o tempo ecológico, e o tempo estrutural. O primeiro conceito seria caracterizado pelas relações do grupo com o meio-ambiente natural. Já o segundo, estaria ligado às relações concretas que os indivíduos estabelecem no seio do próprio grupo. No primeiro de seus ensaios, Leach discute a categoria de tempo relativizando as várias acepções que a palavra inglesa *time* oferece, ao compará-la com as ideias que os povos não europeus têm sobre o tempo. O antropólogo chama a atenção que a percepção linear que os ingleses (e os “ocidentais”, de um modo geral) têm do tempo não pode ser aplicada em todas as culturas. Para ele, nem mesmo os gregos representavam o tempo desta forma. Em seu segundo texto, o argumento central baseia-se na ideia de que as sociedades marcam o tempo a partir de eventos calendários – como festas, cerimônias e ritos [...] (DIAS NETO, 2012, p. 93-94).

Mas o que é o tempo da Maré? Qual é a sua natureza? Por que o caminho espontâneo na cultura da pesca é construir uma percepção do tempo orientado pela Maré e por tarefas que nela os pescadores desempenham? Por que a construção da percepção do tempo pelo pescador é de tempo orientado pela Maré, pela luz do sol, da lua, da noite, da madrugada, da manhã, do raiar do dia, e por tarefas? Pois é comum os pescadores trabalharem de sol a sol, isto é, do nascer ao pôr do sol, da noite à madrugada e ao amanhecer do dia, com ou sem temporal. Não é um tempo mecânico que permite que ele seja dividido em partes iguais, e que não permite que as atividades humanas sejam dependentes da Maré, do sol e da lua, mas um tempo que não substitui as restrições naturais pelas culturais. É um tempo da Maré. Mas, há outros Tempos.

Centrando-se nessa importância do tempo, na Europa medieval, iniciou-se um conflito entre duas culturas do tempo: “O tempo da igreja” e o “tempo dos mercadores”. A igreja enfatizava o tempo sagrado e o ano litúrgico, enquanto os mercadores viam o tempo de maneira mais secular. Eles gostavam de dizer que “TEMPO É DINHEIRO”, que o tempo pode ser calculado, usado sabiamente ou desperdiçado. No século XVI, quando os europeus estavam invadindo e

explorando tantas outras partes do mundo, descobriram diversas "culturas do tempo" diferentes. Ao longo dos últimos cinco séculos, porém, houve uma tendência para o estabelecimento de um sistema de tempo global, pelo menos em nível oficial. Nos países colonizados pelos europeus, eles incentivaram, quando não obrigaram, os habitantes locais a pensar em termos do tempo do relógio ocidental, considerado bom para a disciplina do trabalho. Certamente, é necessário pensar em termos de ainda mais variedades, incluindo o "tempo camponês", o "tempo do ano agrícola", o "tempo industrial", o "tempo do pescador" que é o "tempo da Maré", entre outros tempos.

Há autores que afirmam que a conceptualização do tempo se dá através de conceitos espaciais. Do ponto de vista funcionalista, a noção de tempo é uma categoria linguística e suas relações com o tempo cronológico, uma função da comunicação e do discurso.

Diniz (2008) define o tempo de modo relevante, delineando-o desde os primórdios à atualidade. Para tanto, demonstra ideias de filósofos, linguistas e demais estudiosos que conceituam de maneira particular o tempo, tão importante e necessário para a compreensão do mundo e do lugar do ser humano no mundo, talvez por ter uma aparência contraditória e devido a ser de difícil compreensão. Em linha com Diniz (2008), em Aristóteles, o tempo é um aspecto da mudança que pode ser contabilizado; em Santo Agostinho, é um aspecto subjetivo, existe tão somente em nossas mentes, o tempo começa com a criação. Em Descartes, é um processo divino de recriação. Em Newton, tempo e espaço constituem um enorme recipiente para todos os eventos, são dependentes não da matéria, mas de Deus. Em Kant, o tempo e o espaço são intuição pura, i.e., independente da experiência. Reichenbach define a ordem do tempo em termos de causa possível. Heidegger estabelece uma relação entre tempo, criação da cultura e a história. Para Heidegger (1999):

La 'historicidad' constitui un rasgo estructural de la existencia humana basado en la su temporalidad, indica la historia que nós somos, i.e., o processo mismo de gestacion histórica de la existencia humana, que se diferencia de la siempre recopilacion de dados de la historiografia tradicional. [...] el tiempo es equiparable al ser-ahí. [...] El ser-ahí siempre se encuentra en un modo de su posible ser temporal. El ser-ahí es el tiempo, el tiempo es temporal. [...] la medición de la naturaleza en el marco de un sistema de relaciones espacio-temporales [...] es una asimilación del tiempo al espacio (HEIDEGGER, 1999, p. 28; 54; 58).

Será este tempo da Maré, o tempo de natureza cosmo física ou como espaço? Ou como algo interno ou externo à natureza, primariamente fenomenológico, decorrente de processos cognitivos e outros internos e externos, conforme sugerido por fenomenólogos como Husserl e Bergson? Ou a experiência do tempo é principalmente duracional na natureza?

Em Lakoff e Johnson (2002 [1980]), tempo é fundamentado na experiência de espaço e movimento, a exemplo: TEMPO É UM RECIPIENTE, TEMPO É UMA PASSAGEM ATRAVÉS DA QUAL NOS MOVEMOS, TEMPO É UM RECURSO LIMITADO, TEMPO É DINHEIRO etc. O conceito de tempo é metafórico; tempo é

visto como diferença que aparta o passado e o presente (DINIZ, 2008), e como conteúdo em matéria de recursos valiosos. Nesse sentido, conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]), o tempo é concebido como um objeto que se desloca no espaço, quer dizer, o tempo como uma abstração derivada da comparação de eventos.

Na interpretação de Lakoff e Johnson (1999), a diferença é *live of sequencing*, i.e., tempo da situação e tempo da *utterance*, quer dizer, ao valor do que se enuncia ou realização do ato de fala. Daí se pensar a hipótese viável de tempo e espaço não poderem ser indissociáveis, separados. A diferença entre estático e dinâmico é fundamental para as expressões linguísticas de tempo assim como para as relações espaciais e do próprio homem. Ainda conforme Lakoff e Johnson (2002 [1980]):

[...] Da mesma maneira, o uso de palavras espaciais tais como em e as para expressões ligadas a tempo (por exemplo: em uma hora, a dez horas) tem sentido, porque TEMPO está metaforicamente conceptualizado em termos de ESPAÇO (LAKOFF ; JOHNSON (2002 [1980], p. 231).

A noção de espaço sugere duas ideias: uma de exterioridade corporal, e outra de contorno, forma. Uma expressa as ideias, pensamentos; a outra, a expressão simples, comum, mínima entre os dois casos. Os papéis são inversos nas relações figura e fundo e podem atuar em conjunto, como para objeto-locação, em uma única expressão linguística, denominada de fenômeno de dualidade. Como exemplo, cita-se a seguinte sentença “Dentro das semanas vindouras”, em que o conceito dentro é tomado como metáfora de tempo-cenário, por delimitar o período, e semanas vindouras, como metáfora de tempo-objeto, adquirindo movimento relativo ao observador. Querem, com isso, tais autores afirmar que são espaços mapeados no domínio temporal via metáfora. Fato verificável também no exemplo seguinte da linguagem de especialidade da pesca: “[...] depende da ora, por exemplo, agora ((16:36)) quem vai saí é camaroeiru pra pescá de noiti. Não tem ora. Já pra mãã entrá, o raiá do dia é pra pescaria de redi di arrastu, tañera. Pra tañera não tem ora, sai agora, no cravá do sow e sai no amãecé do dia, tañera e a redi di pegá camarãw [...]” (INF.05, J.A., 49 anos).

Sentidos abstratos tendem a ser derivados de um mundo concreto e físico, e a abstração tende a ter uma base experiencial corpórea, bem como o mapeamento temporal é ativado por verbos de ação e movimento.

O tempo também pode ter a natureza dual, isto é, consiste tanto de movimento, como tempo-objeto, movendo-se na mesma direção do observador ou, ainda, como tempo-cenário, estacionário. O tempo consiste de dois elementos: o primeiro como um cenário delimitado, e o segundo como um objeto que trafega sob esse cenário. O tempo não é conceptualizado em seus próprios termos, mas ativado através do mapeamento da experiência corpórea e espacial dos indivíduos.

As expressões citadas no Quadro 2 confirmam o que Lakoff e Johnson (2002 [1980]) declaram sobre a metáfora TEMPO É UM OBJETO QUE SE MOVE “[...] toda essa estrutura metafórica consistente e detalhada faz parte de nossa linguagem literal cotidiana sobre o tempo, e é tão familiar que normalmente nem a percebemos” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980], p. 102). Equivale a afirmar que há uma consistência interna nessa metáfora, o que há em comum é o movimento relativo em relação ao tempo que se move e ao homem da pesca que se move da mesma forma sobre o tempo.

Há nos estudos também de Batoréo (1998), o seguinte exemplo, que serve como metáfora temporal, “D is before M”, em que a situação diz respeito à referência espacial de um elemento em relação a outro elemento. Essa mesma explicação serve para o seguinte exemplo considerado como orientação espacial lateral “D is on the left of M”.

Para Schmaltz (2007), isso talvez seja decorrente da relação entre a filogênese e a ontogênese humanas, em que as concepções de relações espaciais são desenvolvidas ou adquiridas antes das relações temporais. Schmaltz (2007) pondera que o tempo é concebido como um objeto e em movimento, recebendo uma orientação frente-trás; logo, o futuro está de frente para o observador e o passado está atrás do observador. Um objeto está se movimentando em direção a um observador estacionário, que é o centro dêitico.

Nesse caso, TEMPO É MOVIMENTO, o observador está fixo e o tempo é um objeto que se move em direção a ele, designado de frente e equivalente ao futuro. O tempo que está passando pelo observador é o presente, e o tempo que passou pelo observador é o passado, que, por sua vez, está atrás do observador. Visto que o tempo está em movimento, ele tem uma força capaz de exercer um impacto no observador e no ambiente pelo qual perpassa. E em outro caso, em que o observador está em movimento, o tempo tem uma extensão e ela pode ser mensurada. Há a presença desses dois tempos na Maré. Um tempo estendido é como uma área espacial, que pode ser concebida como uma área delimitada, o tempo é conceptualizado como um cenário estacionário por onde o observador se movimenta em direção ao futuro. No primeiro caso, ou primeira metáfora, o observador é o fundo e o tempo é a figura que se movimenta em relação a ele. No segundo caso, o observador é a figura e o tempo é o fundo, o tempo é locação delimitada e fixa pela qual o observador se movimenta (SCHMALTZ, 2007, p. 38-9), i.e., o pescador e a Maré.

De acordo com Schmaltz (2007), a concepção sobre o tempo possui coerência organizacional, um esquema de imagens FONTE-PERCURSO-META, como frente/trás, relacionado à orientação direcional dos objetos. A frente corresponde à direção canônica do movimento do objeto e organiza todo um sistema de conceitos em relação a outros conceitos, que são nomeados de metáforas conceituais. A metáfora básica para o tempo é pensar que à frente de um indivíduo está o futuro (por ser a direção para a qual ele se movimenta), que a sua localização é o tempo presente e que o espaço atrás dele é considerado como o passado (SCHMALTZ, 2007, p. 50-51). Nesse sentido, a frente e o que está atrás são aspectos que têm de ser considerados em relação ao tempo, como objeto, e não como referência espacial do observador.

Seguindo essa linha de raciocínio, as expressões utilizadas como exemplo no quadro 2 fundamentam-se, do mesmo modo, na correlação entre um objeto recipiente e o pescador. Implica TEMPO É UM RECURSO LIMITADO, sendo o

tempo-objeto, como preconizam Lakoff e Johnson (2002 [1980]) e outros autores.

Nesse contexto, Lakoff e Johnson (2002 [1980], p. 130) observam que “[...] Eventos e ações são correlacionados com períodos de tempo delimitados por fronteiras e isso os torna objetos recipientes”. São aspectos diferentes de uma mesma entidade conforme o modo como são apresentados. Também, o pescador estrutura o conceito Maré como tempo, referindo-se ao ato de movimento, de deslocamento. O presente e o futuro estão voltados para o pescador na medida em que se movem em direção ao homem da pesca e o tempo que leva para alcançá-lo, quer dizer, o pescador se move através do tempo e vice-versa. O domínio de conhecimento do ESPAÇO corresponde ao de FRONTEIRAS, que é atravessado pelo objeto e é correlacionado ao tempo que o objeto leva para atravessá-lo. O conceito de Maré em termos de tempo como espaço quer dizer, metaforicamente, que o tempo é uma realidade comparável ao espaço, de forma que os segmentos temporais podem ser representados/metaforizados por segmentos espaciais. Implica ainda a figura do trajecto, como origem, trajetória e destino (origem-percurso-meta), e da metáfora TEMPO É UMA PASSAGEM ATRAVÉS DA QUAL NOS MOVEMOS. Os diferentes sentidos resultam de correlações estruturais baseadas no esquema origem-percurso-meta, que possibilita a estruturação de um domínio mais abstrato em termos de outro mais concreto e pode ser assim representado:

Esquema 1 - Origem, Percurso, Meta



Trata-se de um esquema básico de trajecto, originado na experiência de ir de um lugar para outro e que compreende: um ponto de partida (origem), um ponto de chegada (destino), uma série de pontos contíguos que unem a origem ao destino e o movimento que ocorre nesse percurso. Esse esquema imagético fundamenta o domínio-fonte, traduzindo-o enquanto noção de movimento, isto é, mover-se de um lugar a outro, um ponto de onde se produz o movimento ao ponto para onde se dirige o mesmo. Aplica-se tanto ao caminho percorrido quanto às ações e aos estados humanos. Essa condição permite observar que, para percorrer um trajeto, faz-se necessário seguir uma sequência de ações:

- deslocar-se;
- orientar-se no espaço;
- usar pontos de referência;
- avaliar distâncias;
- cumprir de forma ordenada as instruções que formam o itinerário. Essas situações são vinculadas com trajectors, pontos de referência (landmarks) e de

orientação e incluem experiências como as de direção e sentido. De acordo com Semino (2006), não se pode dizer que simplesmente se perdeu o significado, mas houve uma mudança na inserção desse esquema de imagem, em um domínio de significado espacial, concreto, por sua inserção em um domínio mais abstrato e, possivelmente, mais subjetivo. E com tal mudança de domínio cognitivo, há, aqui, um processo de pragmatização do significado. Na metáfora MARÉ É TEMPO, percebe-se como o pescador fundamenta suas experiências e ações, estabelecendo correspondências conceptuais entre o domínio do tempo e o de recursos materiais, em que o tempo é uma substância finita.

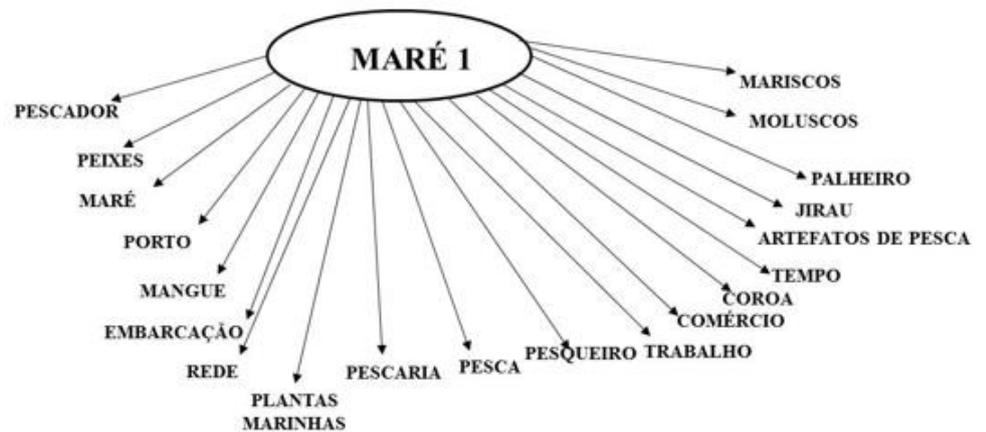
Outro exemplo de Tempo que se pode explorar diz respeito ao seguinte:

A MARÉ VAI TORCER DE ENCHENTE

Essa expressão idiomática faz referência à Maré como elemento de personificação MARÉ É MOVIMENTO e, como processo metonímico, CONTINENTE PELO CONTEÚDO. Demonstra a imagem para a Maré enquanto ascendente e/ou o momento de elevação. Esse “torcer de enchente” diz respeito ao instante em que a Maré se eleva, quer dizer, período de Maré de enchente. Na compreensão do pescador, a Maré se retorce para aumentar a quantidade de líquido. Constitui-se uma multiplicidade de sentidos em que esse “torcer de enchente” para a Maré pode fazer parte de domínios como o de Tempo (ex.: Torcer a hora, i.e., movimento de demarcação do horário (pela manhã entre as 10 horas; à tarde, a partir das 15 horas) em que a maré começa a ser de enchente, considerado momento propício para a pescaria); o de Vestuário (Ex.: Torcer a roupa); o de Corpo Humano (Ex.: Torcer o nariz). Evoca, simultaneamente, força física, experiências motora e corpórea.

Para os pescadores da comunidade de Baiacu, a Maré é concebida como correspondência direta à situação contextual do sujeito, em relação tanto ao meio marítimo, como a todo o meio em que vive. De sorte que a Maré é o Umwelt para o pescador, serve como container que transporta toda a significação da pesca. Para a realidade experiencialista dos pescadores, não se está apenas na Maré, devém-se com ela, de tal sorte que o devir marítimo da terra se confunde com o devir marítimo daquelas pessoas que com a Maré convivem cotidianamente. É assim que para os pescadores é possível fazer referência ao conceito Maré como domínio genérico que engloba toda a zona da pesca:

Esquema 1- Conceito de *Maré 1*



Na *Maré 1*, é apresentado o conceito global de *Maré*, a totalidade do fenômeno. Na hierarquia conceitual, o nível básico é representado por *maré*, por exemplo:

- mar *maré* pode ser também ‘altura e movimento das águas’;
- pesca
- ambiente

Pode-se falar de um primeiro conceito de *Maré* em termos deste esquema. *Maré* como conceitos físicos e científicos.

Na experiência do homem do mar, a *Maré* de Baiacu é uma rede de significações, o que possibilita classificá-la enquanto uma lista aberta, uma rede abrangente de famílias, uma abstração de muitas realidades. É uma categoria cognitiva com variadas significações. Em função disso, a *Maré* revela as possibilidades de se reconstituir a história dos pescadores em conjunto com a sua cultura e a história da língua. A *Maré* serve para atribuir sentido à língua em seu contexto cognitivo, social e linguístico, no uso de fato e de sua funcionalidade.

É assim que, a comunidade de Baiacu, formada essencialmente de pescadores, apresenta uma categorização emergente da sua função principal - a PESCA - em relação íntima e crucial com a *MARÉ*. Nessa relação, a *MARÉ* é vista (e sentida) cognitivamente de modo particular – SIMBÓLICO – que se traduz, através da linguagem de forma particular, em METÁFORAS e METONÍMIAS, por meio da LÍNGUA DE ESPECIALIDADE DA PESCA (TERMOS).

A *MARÉ* é o centro, como um DOMÍNIO essencial da sua vivência cotidiana, por isso, a sua CATEGORIZAÇÃO é extremamente particularizada e difere, em certa medida, de toda caracterização ARISTOTÉLICA e OBJETIVISTA, ela é EXPERIENCIALISTA, fundamentada em uma visão de mundo, com CARACTERÍSTICAS PROTOTÍPICAS (SEMELHANÇAS DE FAMÍLIA).

CONCLUSÕES

Com base nos estudos que foram utilizados para fundamentar a parte teórica deste trabalho é possível inferir que a metáfora sobre o tempo seja universal. Conforme Batoréo 2000 [1996], o espaço e o tempo são uma espécie de operadores semânticos que, aplicados a primitivos conceptuais, contribuem para a construção de conceitos mais complexos nas diferentes áreas semânticas que incluem formas, movimento, percepção, emoção, posse, comunicação etc. A correlação aqui estabelecida implica ainda a metáfora TEMPO É UM RECIPIENTE e TEMPO É UM RECURSO. Não é, pois, por acaso que o conceito Maré como tempo resulta de uma consciência antecedente de mudança em curso, exibido por eventos no mundo. Como metáfora ontológica, emprega-se o conceito TEMPO É UMA SUBSTÂNCIA. Essa metáfora permite que o tempo seja concebido como algo que é progressivamente consumido à medida que serve a um fim específico, é um recurso material, e é um tipo de substância. É uma metáfora fundamentada nas experiências física e cultural. Emerge de um conceito baseado na experiência física e espaço-temporal, tempo e espaço como se fossem fixos na visão do pescador. Isto é, devido ao fato de que não se tem e não se pode ter acesso consciente diretamente com o mundo como ele “realmente” é. O que se tem de acesso consciente é apenas o que se chama de “mundo projetado”, nos termos da Linguística Cognitiva, i.e., o mundo como ele é organizado pela mente. Nesse sentido, o significado é um reflexo da experiência corporificada. Aqui, a metáfora é como um objeto que se desloca no espaço²⁵¹ personificado, para se referir ao tempo, equivale ao que Eunice Pontes (1990) denomina de “concepção anímica”, que está por trás de ideias de tempo. Na visão de Casasanto (2011), existe tanto simetria como assimetria entre espaço e tempo, eles são interdependentes. Os distintos conceitos que encobrem a metáfora MARÉ É TEMPO podem ser assim detalhados: a) o sentido de duração consiste em um intervalo limitado por dois eventos de fronteira, ou seja, o início e o final do intervalo; b) como concessão; c) em termos de movimento dêitico com respeito ao qual o movimento ocorre na conceptualização, em que um evento específico é referenciado; d) o puramente temporal.

Nota-se que há vários significados relacionados, mas que constituem um conjunto completamente distinto por ter uma série de significados diferentes associados à Maré como tempo e relacionados com os mecanismos da experiência sensorial. O tempo (chronos): hora, minutos, meses; e época da pesca (auge: ponto). Essas explicações para tempo, sejam de ordem cronológica, conceptual e/ou estritamente cultural, exercem evidências para o argumento de que as metáforas ontológicas utilizam-se de experiências que se têm de objetos físicos identificados como representação de atitudes humanas a eventos; de atividades, emoções como entidades ou substâncias. Ou, ainda, impõem nos fenômenos físicos limites artificiais que os tornam discretos. Quer dizer, Maré define uma unidade que organiza a passagem do tempo. Assim, Maré não é apenas uma porção de água e sim uma unidade de tempo associada ao trabalho.

THE TIDAL TIME: CONCEPTUAL TIME METAPHORS IN TERMINOLOGICAL FISHING UNITS

ABSTRACT

The work is a tiny sample of the results found in Moreira's thesis (2015) about the conceptual metaphors in terminological units of fishing Baiacu / Vera Cruz / Bahia. Seek to demonstrate how time is conceptualized by artisanal fishermen and the elements belonging to it are structured the way it is designed. The structure of this concept and significance in the context of the Theory of Conceptual Metaphor (TMC). The methodology is a boot-up direction, because one does not believe only in the top down direction, that is, one should not close or take expressions and check the mappings or, instead, limit oneself to a linear position, the criticism of the initial theory. Rather, what is presented must be seen as ideas that must be modeled and remodeled because there is currently empirical evidence for the study of cognition and language. As a direct conclusion, for example, there is a high number of this structure of metaphors in nautical language whose domains of origin are, above all, the sea, the human and the animal. This means that, while constructing a meaning whose value is of conceptual structure, the metaphor does not advocate the monosemia of the scientific and technical term.

KEYWORDS: Conceptual metaphor. Time. Body experience.

REFERÊNCIAS

BATORÉO, Hanna Jakubowicz. Language typology and semantic primitive of space: evidence from European Portuguese. **Actas do 1º Encontro Internacional de Linguística Cognitiva**. Mario Vilela; Fátima Silva (Org.). Faculdade de Letras do Porto: Tipografia Nunes. 1998. p. 33-47.

_____. **Expressão do espaço no português europeu**: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000 [1996].

_____. Protótipo em linguística cognitiva: o exemplo do protótipo espacial. **Actas/Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, 15, Braga: Faro, 2000. v 1, p. 161-176.

COROMINAS, J.; PASCUAL, J. A. **Dicionário crítico etimológico castelhano e hispânico**. 3. ed. Madrid: Gredos, 1981. 4 v.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; NOGUEIRA, Márcia Teixeira. Cognição e gramática. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes; FARIAS, Emília Maria Peixoto (Org.). **Cognição e linguística**: explorando territórios, mapeamentos e percursos. Caxias do Sul: Educus/ Porto Alegre: Edipucrs, 2008. p. 71-88.

DIAS NETO, José Colaço. **Quanto custa ser pescador artesanal?** Etnografia, relato e comparação entre dois povoados pesqueiros no Brasil e em Portugal. 2012. 337 f. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Niterói, 2012. Disponível em: <www.proppi.uff.br/ppga/sites/default/.../tese_versao_finaljose_colaco.pdf> Acesso em: 20 nov. 2013.

DINIZ, Solange Pereira Faraco. **Tempo amigo ou inimigo?** Conceptualizações metafóricas de tempo no discurso de mulheres brasileiras. 2008. 159 f. il. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal Fluminense: Niterói: Rio de Janeiro, 2008.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. Rethinking metaphor. In: GIBBS JR., RAYMOND, W. **The Cambridge handbook of metaphor and thought**. New York: Cambridge University Press, 2008. p. 53-66.

HEIDEGGER, Martin. **El concepto de tiempo**. Trad. Raúl Gabás Pallásy Jesús Adrián Escudero. Madrid: Minima Trotta. 1999.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

_____; _____. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Grupo de estudos da indeterminação e da metáfora (GEIM) sob coord. de Mara Sophia Zanotto e trad. Vera Maluf. Campinas: Mercado de Letras: Educ, 2002 [1980].

MOREIRA, Cristiane Fernandes. **As metáforas da maré**: um estudo das metáforas conceituais nas unidades terminológicas da pesca em Baiacu/ Vera Cruz/ Bahia. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação Língua e Cultura Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras-Salvador, 2015.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. Estudo comparativo de preposições portuguesas e italianas em traduções de obra do latim do século IV: campo semântico de localização. In: 58º GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO (GEL), SIMPÓSIO GRAMATICALIZAÇÃO, SEMÂNTICA DA ENUNCIÇÃO E SEMÂNTICA COGNITIVA. Programação. Universidade Federal de São Carlos: São Paulo, 2010.

SCHMALTZ, Márcia. Metáfora conceptual de tempo em fábula chinesa. Organon, Metáfora em perspectiva, **Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. v. 21, n. 43, p. 35-52, 2007.

Recebido: 27 dez. 2016

Aprovado: 06 mar. 2019

DOI: 10.3895/rl.v21n32.5256

Como citar: MOREIRA, Cristiane Fernandes- O tempo da maré: as metáforas conceptuais do tempo em unidades terminológicas da pesca. *R. Letras*, Curitiba, v. 21 n. 32 p. 93-110, mar. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/>>. Acesso em: XXX.

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

